

A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância¹

Juliana Doretto e Thaís Furtado

Resumo

Meninas e meninos, nos discursos jornalísticos, vêm sendo representados a partir de estereótipos, que podem ser resumidos em uma dicotomia: o ser inocente a ser protegido, e o delinquente ameaçador. A “invasão” dos filhos do pesquisador Robert Kelly durante entrevista concedida ao canal de TV BBC teve grande repercussão, gerando discussões sobre estereótipos relacionados às figuras de pai, mãe e mulher estrangeira, mas também trazendo uma representação não esperada da infância, em que o brincar perturba a seriedade da narrativa jornalística. Pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa, percebemos que a “invasão” rompe o contrato de comunicação estabelecido na entrevista, o que poderia explicar sua repercussão.

Palavras-Chave

Infância. Jornalismo. Discurso.

Introdução: a “invasão” das crianças

O pai está concentrado, olhando para a tela, atento às perguntas do entrevistador. A câmera do computador mostra quase todo o cômodo, que serve de escritório: uma mesa, uma estante com livros, um mapa pendurado na parede. Ele nem se dá conta quando a porta se abre, destravada por uma criança que entra na sala alegremente, balançando o corpo de um lado para o outro. O entrevistador, por meio da visão proporcionada pela câmera do computador, vê a cena e avisa ao pai – “Eu acho que um dos seus filhos acaba de entrar”. O pai afasta a “invasora” apenas com o braço, sem tirar os olhos do computador, já que, após o aviso, o entrevistador emenda uma nova pergunta. Enquanto tenta responder, nova “invasão”: um bebê, em um carrinho com rodas, entra no cômodo (Figura 1), seguido de uma mulher jovem, com feições asiáticas, que vem correndo e recolhe, abaixada, as crianças. O pai não vira o rosto para trás, mas, com o barulho, desconcentra-se e diz: “Peço desculpas”. Ouve-se choro de criança, há um novo pedido de desculpas do pai e, ao fundo, vê-se a mulher agachada,

Juliana Doretto

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, na área de Estudo dos Media e do Jornalismo. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Jornalismo e da graduação em Jornalismo do FIAM-FAAM Centro Universitário (São Paulo, São Paulo, Brasil). E-mail: jdoretto@gmail.com

Thaís Furtado

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta do Departamento de Comunicação/Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: thaيسfurtado93@gmail.com

Figura 1: As crianças aparecem no escritório, durante a entrevista do pai



Fonte: BBC World News (reprodução)

fechando a porta. Ouvem-se então choros ainda mais altos, mas o pai volta a responder às perguntas. O assunto ressurgiu apenas no final da entrevista, com a fala do entrevistador: “Robert, muito obrigado. Há uma primeira vez para tudo. Acho que as crianças precisam de você”.

Assim, a entrevista do professor universitário Robert Kelly à rede de televisão britânica BBC World News, em março de 2017, atraiu muito mais espectadores do que apenas aqueles que queriam saber sobre o então recente impeachment de Park Geun-hye, presidente da Coreia do Sul, país onde o pesquisador e a família (a esposa, Jung-a Kim, e os filhos, Marion e James) moram. Em quatro meses, o vídeo postado no canal da BBC no YouTube já tinha tido mais de 24 milhões

de visualizações e provocado mais de 27 mil comentários – além disso, o vídeo foi republicado em outros canais da plataforma.

Após o episódio, a família concedeu uma entrevista coletiva na faculdade em que o pai leciona na Coreia do Sul, a Pusan National University², em que o professor diz que não trata os filhos normalmente assim e que não estava tentando afastar a menina com o braço, mas tinha esperança de que ela fosse brincar com os livros e brinquedos que estavam no cômodo, enquanto transcorria a entrevista. Também disse que estava usando calças – já que lhe perguntaram se não havia se levantado para atender à filha por não estar propriamente vestido; e que não tinha se desentendido com a esposa ou com os filhos após

1 Uma versão preliminar do texto foi apresentada no 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, ocorrido em São Paulo, em novembro de 2017.

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Accocd_7QGs>. Acesso em 10 jul. 17.

Figura 2: Família concede nova entrevista para a BCC



Fonte: BBC World News (reprodução)

o ocorrido. Houve também uma nova entrevista à BBC, quatro dias depois do acontecimento, para o mesmo jornalista, James Menendez (Figura 2), na qual Robert Kelly e Jung-a Kim contam detalhes do dia da primeira entrevista e dizem que também acharam a cena engraçada, quando a reviram, mas pensaram que isso faria com que Kelly nunca mais fosse entrevistado pela BBC. O professor também afirma que a “culpa” foi dele, ao não fechar a porta; e o jornalista conta que ele também poderia ter reagido de forma diferente, ao não continuar com a entrevista ao perceber a entrada da “intrusa”, mas que isso teria tirado a oportunidade de as pessoas se divertirem.²

Além disso, o dia a dia da família foi reportado por um canal de televisão coreano³, e a avó das crianças também foi ouvida pela imprensa, contando que a neta deve ter entrado no escritório porque pensava que o pai estivesse conversando com ela pelo computador, como normalmente fazem, já que ela (a avó) mora nos EUA⁴. As crianças inspiraram ainda um desenho animado, produzido pela empresa Hans House: “As aventuras de Mina e Jack”. Apesar dos nomes diferentes, os desenhos das crianças assemelham-se às feições dos filhos do professor, e a produtora ainda assume que o caso foi a fonte da criação⁵.

3 Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/av/world-asia-39274662/prof-robert-kelly-and-family-the-full-interview>>. Acesso em 10 jul. 17.

4 “‘They probably thought they were Skyping grandma!’ Mother of US expert whose TV spot was crashed by his kids and VERY stressed wife says it’s ‘hilarious’ (but hopes people still take him seriously)”. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-4301832/lt-s-hilarious-says-grandmother-toddlers-viral-video.html>>. Acesso em 10 jul. 17.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Accocd_7QGs>. Acesso em 10 jul. 17.

Polêmicas sobre estereótipos também foram geradas a partir do caso. Na Nova Zelândia, um vídeo produzido por um programa de humor mostra como seria a reação de uma mulher se ela fosse a entrevistada: ela dá atenção aos filhos⁶ e faz uma série de atividades caseiras enquanto responde às perguntas do jornalista. Outro debate gerado pelo vídeo foi em relação à esposa do professor: “[...] nas redes sociais as imagens dividiram opiniões ao redor do mundo, gerando debates sobre estereótipos e preconceito. Isso porque muitos usuários supuseram que, por ter feições asiáticas, a mulher que aparece no vídeo seria a babá das crianças”, diz reportagem feita pelo site da rede BBC sobre o assunto. O texto (“Babá ou esposa? A inesperada polêmica no vídeo em que crianças ‘invadem’ entrevista ao vivo”)⁷ mostra comentários postados em redes sociais. Neles, pessoas que afirmaram que a mulher que tinha entrado na sala era uma babá foram confrontadas por outros comentadores, no Brasil ou no Reino Unido: “Fico curiosa: por que todo mundo continua achando que a mulher é uma ‘babá’?” e “Por que as pessoas acham que ela é a babá? Só porque ela não é loira? Ou por que um cara como ele não pode ser casado uma mulher asiática?” foram algumas das postagens expostas. O assunto também foi abordado, mas de forma muito breve, na segunda entrevista dada pela

família à BBC: Jung-a Kim não chega a tecer um comentário sobre o assunto, a não ser pedir que as pessoas parassem de brigar por conta disso.

O caso poderia ser estudado a partir de diversos pontos de vista, já que ele levanta questões sobre o jornalismo televisivo, sobre a cobertura ao vivo e sobre a representação da parentalidade e da mulher estrangeira. No entanto, o vídeo também abre espaço para a discussão sobre a representatividade da criança no jornalismo: aqui, ela parece acontecer de maneira lateral, mas, por se desenrolar de modo não controlado pela instância jornalística, pode revelar muito sobre o modo como as narrativas noticiosas buscam construir a infância contemporânea. É sobre essa representação que este artigo se debruça.

A representação das crianças no jornalismo⁸

Diversos autores (PONTE, 2005; VIVARTA, 2009; JACKS et al, 2005; MOELLER, 2002, OLSON; RAMPAL, 2013) dão conta de que os meninos e as meninas, nos discursos jornalísticos, vêm sendo representados a partir de estereótipos, ainda que certo avanço tenha acontecido nos últimos anos. Essas representações preconcebidas podem ser resumidas na afirmação de Jempson

6 Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCOnPR8h1MQ1YoF8lCgOYBiQ/videos>>. Acesso em 10 jul. 17.

7 Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/salasocial-39238608>. Acesso em 10 jul. 17.

8 Esta discussão e a que segue, no tópico 3, foram feitas inicialmente para a tese de doutorado de uma das autoras.

(2005) de que a mídia trata a criança, de forma geral, a partir de uma espécie de dicotomia: o ser *inocente* que deve ser protegido, cuidado; e, em oposição, o *delinquente* que “quebra” e transgredir o papel esperado para essa fase da vida (infantilidade como ingenuidade) — ou seja, quase uma *não criança*.

Esse binarismo está ligado a um ideal de infância que vem se desenvolvendo ao longo dos séculos e sobre o qual teceremos algumas considerações breves. A partir do que Ariès (2006) chama do surgimento de um “sentimento de infância”, no século XVII (ou seja, o entendimento dos adultos de que as crianças – de classes privilegiadas, num primeiro momento – deveriam ser mimadas, protegidas, e não lançadas às atividades adultas assim que conquistassem certa autonomia), vem-se desenvolvendo, em nossas sociedades, a ideia de que a infância é não apenas um período de crescimento físico e cognitivo rápido e intenso, mas também uma fase de ingenuidade, imaturidade, incapacidade. Os adultos, assim, entendem a criança como alguém que não conhece as armadilhas do mundo, que ainda não sabe compreender o que não está dito, o que está escondido, o que está implícito e, também, que deve ser protegida de conflitos, de dores e de sofrimentos (emoções que só devem ser experimentadas na fase adulta, quando a quebra da ingenuidade fornece ao sujeito as ferramentas

racionais necessárias para enfrentar situações indesejadas e obscuras).

A literatura mostra que há dois tipos de problema nessa representação. O primeiro é o de que determinadas crianças merecem mais atenção do que outras nesse tipo de mobilização em favor de um “ideal de infância”: as meninas e os meninos marginalizados socialmente não atraem, com a mesma força de garotos e garotas de classes altas, discursos que reivindicam proteção à sua “condição sonhada” de criança. “Fatores como idade, gênero, classe, noções de respeitabilidade e raça contribuem para a legitimidade do estado de vítima e, conseqüentemente, também para a extensão do interesse e da cobertura da mídia⁹” (OLSON; RAMPAL, 2013, p. 26. Tradução nossa).

O segundo problema é que, nesse tipo de representação, perdem-se a complexidade e a variedade de papéis sociais que podem ser exercidos pelas crianças. Ainda que elas tenham estágios de desenvolvimento físico e cognitivo a serem atingidos e, por isso, necessitem de cuidados, isso não quer dizer que não tenham capacidade de tomar suas próprias decisões, de construir significados de mundo e de participar de arenas não tradicionalmente ligadas a elas, como esferas de decisão institucionais ou de criação artística-cultural.

9 No original: Factors such as age, gender, class, notions of “respectability,” and race all contribute to the legitimacy of victim status and thus the extent of media coverage and interest.

Nessa área, a da representação da infância na mídia, Ponte apresenta relevante trabalho, ainda que circunscrito à realidade portuguesa. No estudo de edições do jornal luso “Diário de Notícias” ao longo de 30 anos (em intervalos de cinco anos), ela mostra que a diversidade das temáticas que envolvem os mais novos estava fora da agenda midiática:

Escasseiam crianças com infâncias híbridas e dinâmicas, autonomia, desdobramento de atividades, saberes e conhecimentos. Nesta cobertura longitudinal, dominou o valor emocional dos mais novos. Não é difícil reconhecer a ideia de que as crianças dão boas imagens e boas histórias de interesse humano e de que não exigem grande especialidade para se falar delas (PONTE, 2005, p. 275).

Em 2005, retomando a pesquisa anterior e estendendo a amostra para quatro veículos portugueses (“Público”, “Diário de Notícias”, “Jornal de Notícias” e “Correio da Manhã”), Ponte e Afonso expõem que houve aumento no número de textos encontrados, porém o crescimento “não correspondeu a um alargamento da agenda das notícias na perspectiva das políticas de infância” (PONTE; AFONSO, 2009, p. 43). As autoras realizaram uma sistematização que condensa a representação das crianças e dos jovens nas notícias em cinco grandes categorias temáticas, que acabam por reforçar a dicotomia entre a criança inocente (que faz parte do grupo das “nossas crianças”) e a criança marginalizada (as “crianças dos outros”). No primeiro caso, temos (PONTE; AFONSO, 2009, p. 43):

- a *criança aluno*: “genérica e abstrata [...], afectada pelo confronto entre agentes sociais”; “objecto de discussão como investimento, do Estado e das famílias”, ou, resumidamente, “o aluno seu filho”;
- a *criança investida*: objeto de atenção da família e relacionada a “novas tendências, comportamentos, consumos e estilos de vida”, ou “os nossos filhos”.

No segundo, o da “criança marginalizada”, destacam-se:

- a *criança ameaçada*, que aparece em casos que vão de “violência sexual a doenças, acidentes, guerras, catástrofes naturais (...)”; em outras palavras, não é seu filho, mas “poderia ser”;
- a *criança maltratada*, “associada a famílias disfuncionais e a ambientes de pobreza social”, ou “o filho dos outros”;
- a *criança ameaçadora*: também “o filho dos outros”, trata-se daquela autora de delitos; normalmente, uma criança mais velha e do sexo masculino.

No período analisado, predominaram as representações da criança como *maltratada* e *ameaçada*, como *aluno* (genérica e alvo de atenção do Estado e das famílias) e como *investida* (os “nossos filhos”), que se liga também ao consumo.

Em trabalho mais recente de Ponte, sua revisão bibliográfica dá conta de que “entre as matérias mais presentes nas notícias, tanto na imprensa ocidental como na asiática ou latino-americana, encontra-se o abuso sexual, confirmando assim

a maior visibilidade pública desta questão social, nas décadas mais recentes” (PONTE, 2013, p. 156). Nesse caso, apesar da importância desse tema, é preciso marcar algumas diferenças nas agendas midiáticas. Nos EUA, tanto na imprensa como na TV, há destaque também para peças jornalísticas que falam de crianças nas seções ligadas a “estilo de vida”, em que o jornalismo recua nos valores-notícias tradicionais, como a contradição e o sensacional, e avança no aconselhamento, no apoio ao leitor imerso em sociedades cada vez mais individualistas e competitivas. Já na diversidade de contextos regionais da Ásia, estudos que também incidiram em TVs e jornais mostram que os países menos desenvolvidos ainda não abordam com ênfase questões básicas dos direitos da infância, como trabalho, pobreza e baixa escolaridade infantil, enquanto em outros, mais ricos, “o potencial simbólico [da criança] moderno é capitalizado” (PONTE, 2013, p. 155): ou seja, a criança investida ganha notoriedade. Na imprensa da América Latina em geral, por outro lado, a perspectiva dos direitos das crianças ainda não tem o mesmo realce que já conseguiu no Brasil, onde a organização não governamental Andi – Comunicação e Direitos investe, por meio de premiações e programas de formação de estudantes de comunicação e jornalistas, no incentivo à cobertura qualificada da infância e adolescência por esse viés.

Assim, nota-se que a representação da infância no jornalismo tem, de maneira geral, seguido padrões rígidos (ainda que certos avanços

estejam sendo observados), dividindo as crianças entre as que devem ser protegidas, para que sua condição idealizada de criança seja mantida, e as que devem ser separadas do convívio social, porque já perderam sua “infância” e não podem ser reabilitadas. As crianças Marion e James, no entanto, atravessam esse tipo de cobertura, ao forçarem uma representação não desejada pela imprensa: aparecem aqui crianças no seu dia a dia, interagindo entre elas e com os pais, brincando. Essa representação cotidiana da infância, não estereotipada, não parece interessar ao jornalismo de maneira geral. Mais além: ela “perturba”, pois ocupa um lugar interdito às crianças. O labor e a discussão intelectual não são espaços para a infância, e a sua aparição nesse cenário causa distúrbio, quebrando o contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2009), marcado pela “seriedade”, que envolve o jornalismo – tema que será analisado mais adiante. Os estudos sobre a escuta de crianças como fontes na construção da narrativa jornalística parecem corroborar com essa informação, como veremos a seguir.

A fala das crianças no jornalismo

Outras linhas de investigação têm se preocupado com a presença das crianças como fontes de informação das notícias, em textos que se referem ou não a elas. A já citada Andi (VIVARTA, 2009) – organização não governamental brasileira que se volta sobretudo para o monitoramento do jornalismo na área de direitos humanos e políticas públicas – debruçou-se na cobertura

jornalística sobre os direitos e a qualidade de vida da infância e juventude em 12 países latino-americanos entre os anos de 2005 e 2007, em 130 periódicos. O grande levantamento mostrou que, além de a cobertura pecar na contextualização das histórias narradas e na falta da abordagem de políticas públicas, os meninos e as meninas apareceram na proporção de cinco para cada cem fontes ouvidas.

Marôpo, que analisou a cobertura sobre a infância no “Público” e no jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, no ano de 2009, apresentou, como algumas de suas conclusões, que os mais novos aparecem, de forma geral, como “objecto de proteção” ou “projecto de pessoa”, alguém que ainda não adquiriu a cidadania plena. Também concluiu que “os pontos de vista de crianças e jovens sobre as questões que lhes dizem respeito são frequentemente silenciados em representações noticiosas que os ignoram como sujeitos de interesse político e social” (MARÔPO, 2009, p. 298).

A autora destaca que as crianças são ouvidas mais no campo dos problemas individuais e raramente sobre questões coletivas, como se não tivessem condições de refletir sobre problemas mais amplos que lhes dizem respeito. Dessa forma, não ficam em condições de igualdade em relação a outras fontes. Suas vozes são utilizadas apenas para ilustrar de forma curiosa ou para “colorir” a narrativa. Em outro estudo, Marôpo (2015) destaca que

os jornalistas não se sentem preparados para entrevistar crianças, nem sabem em quais circunstâncias devem ouvi-las.

Afirmam também que as crianças são desvalorizadas como fontes porque não ocupam posições representativas na sociedade. Os jornalistas reclamam que as instituições – escolas, ONGs, centros de acolhimento, entre outros – dificultam o acesso às crianças e não incluem os pontos de vista destas em seus relatórios (MARÔPO, 2015, p. 13).

Talvez uma das explicações para esse fenômeno seja a tendência de os adultos tratarem as crianças como se elas soubessem menos sobre qualquer tema, em vez de entenderem que elas conhecem outros assuntos, por vezes diferentes dos debatidos pelos adultos, como defende Cohn (2009):

[...] precisamos nos desvencilhar das imagens preconcebidas e abordar esse universo e essa realidade tentando entender o que há neles, e não o que esperamos que nos ofereçam. Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista (COHN, 2009, p. 8).

No entanto, Marôpo (2009) ressalta que foi possível, em seu estudo, notar também que os jornalistas, tanto de Portugal quanto do Brasil, estão mais sensíveis à importância da cobertura sobre os direitos da infância. Também observou que houve aumento da visibilidade das crianças e dos jovens no discurso noticioso em virtude do trabalho de entidades que se engajam na defesa dos direitos infantis e juvenis.

Em pesquisa de mestrado (DORETTO, 2013) que investigou as falas das crianças ouvidas nas reportagens de capa da “Folhinha” e também do “Estadinho”, suplementos infantojuvenis dos jornais “Folha de S.Paulo” e “O Estado de S. Paulo”, respectivamente, concluímos que há ausência da fala infantil também nos cadernos a elas destinados (principalmente no “Estadinho”). Assim, nesses veículos infantis, reproduzindo o encontrado no noticiário da imprensa para adultos, o discurso dos meninos e das meninas ganha pouco destaque.

Essa breve revisão de literatura serve-nos para indicar que as diversas facetas da infância de nossa contemporaneidade (ou seja, as diversas infâncias) aparecem reduzidas na imprensa ocidental, apesar de o cenário ter apresentado esperanças de mudança nos últimos anos. No entanto, Lemish (2007), em discussão sobre as crianças e a TV, diz que, ainda que as meninas e meninos consigam ser audiências ativas, que ressignificam e criticam os conteúdos vistos, não se pode negar que o reforço dos estereótipos de gênero, sexualidade, identidade política ou de grupo nas narrativas televisivas (e podemos incluir aqui os discursos jornalísticos) contribui para que os mais jovens reproduzam imagens e comportamentos preconcebidos e mais aceitos socialmente.

Assim, quando garotos da periferia veem-se retratados como delinquentes em potencial, ou seja, pessoas vivendo em uma situação social frágil, que vivem com poucas perspectivas além

de se envolverem com a criminalidade, eles podem rechaçar a cobertura midiática e ver com desconfiança o trabalho do jornalista. Ou, então, podem aceitar o papel repassado e verem-se como pessoas, de fato, com poucas qualidades e condições desfavoráveis de desenvolvimento. E, quando meninas e meninos aparecem apenas como alunos, podem ter a impressão de que só interessam aos adultos enquanto membros de um sistema institucionalizado, em que devem seguir regras e cumprir etapas. Como se outros ofícios da infância, como lembra a socióloga Ana Nunes de Almeida (2009), tal qual o brincar, fossem menos importantes e devessem ser relegados, pelas próprias crianças, a um segundo plano.

Outro ponto a ser destacado é que a rotina jornalística que privilegia o imediato fez com que os repórteres, para facilitar sua atividade, optassem por ouvir repetidas vezes as mesmas fontes. Quanto mais concentradas forem as apurações jornalísticas nessas fontes, menos chance de as vozes de outros grupos, como o das crianças, serem incluídas, sobretudo porque as temáticas que envolvem as rotinas e os direitos das crianças normalmente são tratadas por fontes oficiais e especialistas. Isso acontece não só em função da facilidade de acesso que essas pessoas oferecem às empresas jornalísticas, mas também porque “[...] a falta de domínio dos profissionais sobre os temas e os atores sociais que fazem parte desta área temática não lhes permite identificar fontes outras que não aquelas já inseridas nas rotinas das redações” (GUERRA,

2004, p. 4). Especialmente em relação à infância, são convidados a falar os adultos socialmente considerados responsáveis pelas crianças: pedagogos, médicos, psicólogos, assistentes sociais, entre outros, pois “[...] a eles se delega a produção da solução mais adequada para fazer frente às necessidades infantis [...]” (BUJES, 2012, p. 73).

Marion e James irrompem o discurso jornalístico, mostrando apenas o seu trabalho de brincar, algo que não é desejado pela imprensa, como mostra a literatura. O que as crianças que viram a entrevista podem ter achado da “invasão” dos filhos do professor Kelly? A BBC, ao entrevistar a família, nem tenta ouvir Marion (será que ela entendeu o que aconteceu com ela?). Na verdade, as crianças estão inquietas e “perturbam” novamente a fala dos pais, que pedem desculpas pelo fato, ao que o jornalista responde: “Nós entendemos. É tarde na Coreia do Sul, e eles provavelmente devem estar cansados” (mas a entrevista ainda prossegue por mais quatro minutos). Eis uma repercussão do vídeo que não foi abordada pelo jornalismo, reforçando, novamente, a ausência da fala das crianças como fonte de informação que interessa à narrativa noticiosa. Voltando ao objetivo deste artigo, que é o de investigar a representação das crianças na “invasão” de Marion e James no vídeo da BBC, apresentamos a seguir a metodologia escolhida para a análise: a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, que será abordada especificamente pelo viés do contrato de comunicação estabelecido.

As crianças e o contrato de comunicação

Ao contrário de outras metodologias e teorias, a AD não considera a linguagem transparente. Ela não tenta encontrar um sentido escondido dentro de um texto. A questão para a AD é: *como* este texto significa (ORLANDI, 2000). Para isso, a exterioridade é considerada como constitutiva do discurso, visto como “[...] opaco, não-transparente, pleno de possibilidades de interpretação” (BENETTI, 2007, p. 108). Portanto, as condições de produção da linguagem na relação que se estabelece entre a língua e os sujeitos que falam, em cada situação específica, devem ser observadas.

A partir dessa perspectiva, para que sentidos sejam construídos em um discurso, é necessário que se leve em consideração a situação de comunicação na qual ele surge (CHARAUDEAU, 2009). “O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência” (CHARAUDEAU, 2009, p. 68). Existe, portanto, nessa troca, um contrato de comunicação que, de acordo com Charaudeau, resulta de características próprias da situação – os dados externos – e das características discursivas decorrentes – os dados internos.

É com base na identificação dessas características observadas pelo autor que analisaremos o vídeo

apresentado. “Quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra etc.” (ORLANDI, 2000, p. 62). No caso analisado, o discurso verbal acaba sendo de menor importância. Não se objetiva, com a AD, a exaustividade horizontal da análise – ou seja, em extensão –, nem a completude em relação ao objeto que está sendo examinado. É possível recortar e analisar um discurso de diferentes formas. “A exaustividade almejada – que chamamos vertical – deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática” (ORLANDI, 2000, p. 63). Dessa forma, o que está sendo investigado neste artigo é o contrato de comunicação estabelecido entre os sujeitos envolvidos na reportagem da BBC com o objetivo de examinar a representação das crianças.

Retomando, então, as características próprias da situação de comunicação propostas por Charaudeau (2009), sabemos que os dados externos pertencem a quatro categorias: *condição de identidade*, *condição de finalidade*, *condição de propósito* e *condição de dispositivo*. A *identidade* está relacionada aos sujeitos que fazem parte da troca linguageira e se define através das respostas das seguintes perguntas: “quem troca com quem?” ou “quem fala a quem?”. No caso do vídeo, os sujeitos envolvidos, em um primeiro momento, eram o jornalista da BBC e o entrevistado, Robert Kelly. A *finalidade* refere-se ao objetivo desse ato de linguagem: “estamos aqui para dizer o quê?”. Na entrevista, o objetivo

era informar. O professor iria explicar – ou “fazer saber” – a situação da Coreia do Sul. Esse domínio de saber – “do que se trata?” – é também o *propósito* da situação de comunicação. Por fim, o *dispositivo* são as condições materiais em que o ato de comunicação se desenvolve, que pode ser definido através das respostas às perguntas: “em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?” (CHARAUDEAU, 2009, p. 70). No vídeo, o *dispositivo* é a televisão, ou outras mídias audiovisuais, como o computador ou o celular, que possuem características próprias, especialmente quando se trata de um discurso jornalístico.

Charaudeau (2009, p. 90, grifo do autor) afirma que as mídias, em sua visada de informação (ou seja, no discurso jornalístico), “estão em confronto permanente com um problema de *credibilidade*, porque baseiam sua legitimidade no fazer crer que o que é dito é verdadeiro”. Para isso, o jornalismo utiliza diversas estratégias, entre elas demonstrar seriedade em seu discurso, buscando “grau zero de espetacularização da informação” (CHARAUDEAU, 2009, p. 92). No caso específico da entrevista com um especialista – como é o caso analisado –, o autor lembra que se espera que esse profissional forneça “[...] à opinião pública um conjunto de análises objetivas, trazendo a prova de sua legitimidade pelo ‘saber’ e pelo ‘saber dizer’” (CHARAUDEAU, 2009, p. 215). Entretanto, o autor destaca que existe também a necessidade

de emocionar o público a fim de desencadear o interesse pela informação que lhe é transmitida, o que marca uma contradição. No caso do vídeo analisado, a seriedade estabelecida é rompida com a entrada dos filhos do entrevistado em cena, e é esse novo acontecimento que desencadeia a emoção no público, e não o tema que estava sendo tratado.

Quando Marion e James “invadem” o espaço onde seu pai está concedendo a entrevista, todos os dados externos do contrato de comunicação, até então estabelecidos, são alterados. Em relação à *identidade*, os sujeitos envolvidos na troca linguageira deixam de ser apenas o jornalista e o entrevistado e passam a ser também as duas crianças e, logo depois, a sua mãe. Mesmo que as crianças não tenham voz, elas passam a fazer parte da situação de comunicação mostrando apenas o seu trabalho de brincar, que imediatamente é coibido pela mãe. A *finalidade* do contrato, que era informar, também é alterada, pois o foco passa a ser a presença das crianças. “Eu acho que um dos seus filhos acaba de entrar”, diz o jornalista. O *propósito* também se modifica, pois o assunto Coreia do Sul fica em segundo plano, e outros temas e sentidos emergem. “[...] Acho que as crianças precisam de você”, encerra o entrevistador, já trazendo para a situação de comunicação o tema da paternidade. Portanto, a pergunta “do que se trata essa situação de comunicação?” não terá mais como resposta “da situação da Coreia do Sul”, mas, talvez, “das crianças que ‘invadem’ a entrevista do

pai”. Outros sentidos já elencados – a relação do professor com a família, seu modo de vestir, o feminismo, o machismo, a culpa, o estereótipo da babá com feições asiáticas e até o humor – também aparecem nos comentários nas redes e nas narrativas jornalísticas a respeito do vídeo, até mesmo na entrevista posterior da própria BBC com a família, como descrevemos anteriormente. O *dispositivo* continua sendo o mesmo; no entanto, todas as regularidades comportamentais que esse *dispositivo* requer são rompidas – especialmente quando se trata do discurso jornalístico.

São modificados também os dados internos do contrato de comunicação inicial. Charaudeau (2009) define os dados internos como aqueles que são propriamente discursivos e que permitem responder à pergunta “como dizer?”. Eles determinam “[...] os comportamentos dos parceiros da troca, suas maneiras de falar, os papéis linguageiros que devem assumir, as formas verbais (ou icônicas) que devem empregar, em função das instruções contidas nas restrições situacionais” (CHARAUDEAU, 2009, p. 70). Os dados internos são o conjunto de comportamentos esperados a partir do reconhecimento, por parte dos sujeitos envolvidos, dos dados externos. A presença dos filhos de Robert Kelly, mesmo que sem voz, modifica os comportamentos esperados para aquela situação de comunicação específica, e o contrato de comunicação entre os sujeitos jornalista e entrevistado é rompido a partir da “invasão” das crianças, que, como consequência,

provoca uma representação não esperada da infância nesse discurso jornalístico.

Nesse sentido, as reflexões de Charaudeau (2009) sobre contrato de comunicação podem ser relacionadas com os estudos de Goffman (2006, p. 29), que define representação como “[...] toda a atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. O autor ainda chama de fachada “[...] o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 2006, p. 29).

Todo ator – como denomina Goffman – representa um papel que depende da situação em que se encontra e que tem relação com a classe social em que está inserido. A fachada, para o autor, possui partes padronizadas, sendo a primeira o cenário. Este é composto por mobília, decoração, disposição física e outros elementos que vão formar o pano de fundo para determinada representação. O cenário em que Robert Kelly encontra-se, no vídeo, é típico para uma entrevista jornalística: um escritório com livros e um mapa ao fundo. Todas essas características auxiliam na construção de seriedade, objetividade e consequente credibilidade que, como apontamos, o discurso jornalístico prevê especialmente na televisão – fazendo parte do contrato de comunicação esperado para a situação.

Se tomarmos o ‘cenário’ como referente às partes cênicas do equipamento expressivo, podemos tomar o termo ‘fachada pessoal’ como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de algum modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. (GOFFMAN, 2006, p. 31)

A “invasão” de Marion e James não só causa estranheza ao cenário “montado” para a entrevista televisiva, como também é inconveniente para a fachada pessoal tanto do pai quanto do jornalista. Robert Kelly, durante todo o tempo, tenta manter a fachada pessoal, assim como o jornalista, que, mesmo que trate da “invasão” de forma mais descontraída, insiste em continuar com a entrevista. Para Goffman (2006, p. 46), “se um indivíduo tem de dar expressão a padrões ideais na representação, então terá de abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com eles”. É exatamente o que os dois adultos tentam fazer, pois querem alimentar a impressão de que a prática que estão representando no momento é a sua única, ou, pelo menos, a mais essencial (GOFFMAN, 2006). Jung-a Kim, a mãe das crianças, aparece com atitudes que também são estranhas ao cenário da entrevista, e suas características étnicas e de aparência acabam sendo relacionadas à fachada pessoal correspondente à de uma babá.

Mesmo na entrevista posterior que a BBC faz com a família, os sujeitos adultos tentam manter uma fachada correspondente àquela que a “plateia” espera de um vídeo com características de entrevista jornalística. As crianças, no entanto, estão alheias a esse processo. O jornalista sequer tenta falar com Marion, mas, mesmo sem voz, a menina e o bebê conseguem romper tanto com as representações que o jornalismo costuma fazer das crianças quanto com as representações dos adultos construídas no telejornalismo. A criança aqui aparece não como a “investida” ou “marginalizada”, mas como “brincante”, como menina e menino em seu lar, interagindo com os pais, tentando entender o que estava acontecendo em sua casa. Essa representação atípica é tão inesperada na narrativa jornalística que acaba interferindo na dos dois homens adultos que participam da cena e reforça a compreensão de que, para o jornalismo, o espaço da criança não é o do trabalho, da reflexão crítica. Não se pode fazer isso na presença dos meninos e das meninas: a eles são reservadas outras esferas, mas não as decisórias, as reflexivas.

Considerações finais

O jornalismo construiu a ideia de que uma entrevista ao vivo com um especialista acadêmico, para ter credibilidade, deve ser cercada de seriedade, de constrictão, e isso deve ser sempre mantido, ainda que as condições em que essa conversa, entre fonte e jornalista, possam

ocorrer tenham sido bastante alteradas com as possibilidades técnicas trazidas pela internet. Cabe lembrar que a entrevista em vídeo com o professor ocorre em sua casa, em sua intimidade, por meio de uma plataforma on-line de chamadas, não no estúdio de uma emissora de TV ou por meio de uma gravação feita por um cinegrafista profissional. Mesmo assim, o ambiente em que professor Robert Kelly decide fazer a gravação de uma entrevista para a BBC, o quarto que lhe serve de escritório, procura reforçar o tom de “seriedade” previsto para essa situação: o mapa, as estantes com livros. No entanto, seus filhos pequenos, Marion e James, aparecem nesse cenário, em uma situação de comunicação que não foi desenhada para eles. Eles interferem, assim, no contrato de comunicação estabelecido entre os interlocutores, marcado pela seriedade, e “forçando” que a infância seja representada, nesse discurso jornalístico, de modo não habitual: crianças brincando, comunicando-se, entre si e com os pais.

Como já afirmamos, meninos e as meninas, nas narrativas noticiosas, vêm sendo representados a partir de estereótipos, e suas vozes continuam sendo silenciadas, mesmo que isso venha aos poucos se modificando. Nesse sentido, a grande repercussão do vídeo talvez possa ser explicada, como mostramos, pela quebra do contrato de comunicação que as crianças acabam provocando por agirem de forma não estereotipada. Se esse tipo de representação nem sempre interessa ao

jornalismo, para o público receptor, todavia, a aparição não esperada das crianças parece ter agradado: os números espantosos de visualizações e de comentários, na internet, indicam isso. Esse fato deveria ser mais um motivo para que a presença da criança seja repensada pelo jornalismo: é preciso que as crianças “invadam” as notícias, por meio de representações múltiplas, e trazendo aspectos variados das infâncias – tão diferentes umas das outras – que fazem parte de nossa sociedade hoje.

Referências

- ALMEIDA, A. N. **Para uma sociologia da infância**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2009.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BENETTI, M. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BUJES, M. I. E. Resgate da infância: uma questão para a propaganda? In: DORNELLES, L. V.; BUJES, M. I. E. (Org.). **Educação e infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 51-78.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- DORETTO, J. **Pequeno leitor de papel**: um estudo sobre jornalismo para as crianças. São Paulo: Alameda, 2013.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GUERRA, J. L. Fontes de informação na cobertura dos temas ligados à infância e adolescência. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Intercom/PUC-RS, 2004.
- JACKS, N. et al. F. La visibilidad de la infancia y la violencia en los medios brasileños. **Ofícios Terrestres**, n. 17, p. 97-106, 2005.
- JEMPSON, M. Slander, sentimentality or silence: What children put up with from the media. **ChildRIGHT**, 221, 2005.
- LEMISH, D. **Children and television: a global perspective**. London: Blackwell, 2007.
- MARÔPO, L. S. B. Crianças como fontes de informação: um desafio de inclusão do jornalismo. **Vozes e diálogos**. Volume 14, n. 2. Itajaí: Univali, jul./dez., p. 5-17, 2015.
- _____. **A mediação na construção de uma identidade de direitos da infância**: representações jornalísticas de crianças e adolescentes em Portugal e no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009.
- MOELLER, S. D. A hierarchy of innocence: the media's use of children in the telling of international news. **Press/Politics**, 7(1), p. 36-56, 2002.
- OLSON, D.; RAMPAUL, G. Representations of childhood in the media. In: LEMISH, D. (Ed.). **The Routledge international handbook of children, adolescents and media**. New York e Abingdon: Routledge, 2013, p. 23-30.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.
- PONTE, C. **Crianças e mídia**: pesquisa internacional e contexto português do século XIX à actualidade. Lisboa: ICS, 2013.
- _____. **Crianças em notícia**: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000). Lisboa: ICS/Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PONTE, C.; AFONSO, B. Crianças e jovens em notícia: análise da cobertura jornalística em 2005.

In: Ponte, C. (Ed.). **Crianças e jovens em notícia**.

Lisboa, Livros Horizonte, 2009, p. 29-44.

VIVARTA, V. (Coord.). **Direitos, infância e**

agenda pública: uma análise comparativa da

cobertura jornalística latino-americana. Brasília:

Andi, Rede Andi América Latina, 2009.

ID 1471

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compos, Brasília, v.21, n.2, maio/ago. 2018.



The “invasion” of children in journalistic discourse: the unwanted representation of childhood

Abstract

Girls and boys, in the journalistic discourses, have been represented by stereotypes, which can be summarized in a dichotomy: the innocent, who should be protected, and the delinquent, who is threatening. The “invasion” of researcher Robert Kelly’s children during an interview granted to the TV channel BBC had great repercussion, generating discussions on paternal and foreign stereotypes, but also bringing an unexpected representation of the childhood, in which the play disturbs the seriousness of the narrative journalism. Through the French Speech Analysis bias, we realized that the “invasion” breaks the communication contract established in the interview, which could explain its repercussion.

Keywords

Childhood. Journalism. Speech.

La “invasión” de los niños en el discurso periodístico: la representación no deseada de la infancia

Resumen

Las niñas y los niños, en los discursos periodísticos, vienen siendo representados a partir de estereotipos, que pueden ser resumidos en una dicotomía: el ser inocente, a ser protegido, y el delincuente, amenazador. La “invasión” de los hijos del investigador Robert Kelly durante una entrevista concedida al canal de televisión BBC tuvo gran repercusión, generando discusiones sobre estereotipos que están relacionados a los padres y a la mujer extranjera, pero también trayendo una representación no esperada de la infancia, en que el juego perturba la seriedad de la narrativa noticias. Por el sesgo del Análisis del Discurso de línea francesa, percibimos que la “invasión” rompe el contrato de comunicación establecido en la entrevista, lo que podría explicar su repercusión.

Palabras-clave

La infancia. Periodismo. Discurso.

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

Brasília, v.21, n.2, maio/ago. 2018.

A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

Indexada por Latindex | www.latindex.unam.mx

CONSELHO EDITORIAL

Ada Cristina Machado Silveira, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aida Cristina Silva da Costa, Universidade Federal do Pará, Brasil

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Ana Regina Barros Rego Leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Universidade Federal de Goiás, Brasil

André Luiz Martins Lemos, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Angela Cristina Salgueiro Marques, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Ângela Freire Prysthon, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Anna Cristina Parterra, Western Sidney University - Austrália

Antonio Carlos Hohlfeldt, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Arthur Ituassu, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Bushra Rahman, University of the Punjab, Paquistão

Cláudio Novaes Pinto Coelho, Faculdade Cásper Líbero, Brasil

Cárlida Emerim, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Carlos Del Valle Rojas, Universidad de La Frontera, Chile

Carlos Eduardo Franciscato, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Danilo Rothberg, Universidade Estadual Paulista, Brasil

Denise Tavares da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Diógenes Lycarião, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Doris Martines Vizcarrondo, Universidad de Porto Rico, Porto Rico

Eduardo Vicente, Universidade de São Paulo, Brasil

Eliza Bachega Casadei, Escola Superior de Propaganda e Marketing – SP, Brasil

Elvira Gomes dos Reis, Universidade do Cabo Verde, Cabo Verde

Eneus Trindade, Universidade de São Paulo, Brasil

Erick Felinto de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Erick Torrico, Universidad Andina Simón Bolívar, Bolívia

Erlly Vieira Júnior, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Fabio La Rocca, Université Paul Valéry Montpellier III, França

Fernando Firmino da Silva, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Francisco de Assis, FIAM-FAAM Centro Universitário, Brasil

Francisco Elinaldo Teixeira, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Francisco Gilson R. Pôrto Jr., Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Francisco Sierra Caballero, Ciespal, Equador

Frederico de Mello Brandão Tavares, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Gabriela Reinaldo, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Gérman Rey, Pontifícia Universidad Javeriana, Colômbia

Gilson Vieira Monteiro, Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gustavo Daudt Fischer, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Gustavo Hernández Díaz, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Heidi Figueroa Sarriera, Universidad de Puerto Rico, Porto Rico

Ignacio Aguaded, Universidad Huelva, Espanha

Inesita Soares de Araújo, FIOCRUZ, Brasil

Itania Maria Mota Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Jiani Adriana Bonin, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

João Carlos Correia, Universidade de Beira Interior, Portugal

Jonathan Cohen, da University of Haifa, Israel

José Afonso da Silva Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

José Luiz Aidar Prado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Josette Maria Monzani, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Juçara Gorski Brittes, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Julián Durazo Herrmann, Université du Québec à Montréal

Juliana Freire Gutmann, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Karla Covarrubias, Universidad de Colima, México

Laura Loguerio Cánepa, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil

Leonel Azevedo de Aguiar, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Leticia Cantarella Matheus, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ling Chen, Hong Kong Baptist University

Luciana Coutinho Souza, Universidade de Sorocaba, Brasil

Maria Ataíde Malcher, Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Elena Hernández Ramírez, Universidad de Guadalajara, México

Maria Elisabete Antonioli, Escola Superior de Propaganda e Marketing – SP, Brasil

Maria das Graças Pinto Coelho, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Teresa Quiroz, Universidad de Lima, Peru

Marialva Carlos Barbosa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marina Poggi, Universidad Nacional de Quilmes, Argentina

Marcel Vieira Barreto Silva, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Marcia Tondato, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Marli Santos, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Márcio Souza Gonçalves, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Mateus Yuri Passos, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Mauricio Mario Monteiro, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil

Mayka Castellano, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Mirna Varela, Instituto de Buenos Aires, Argentina

Mozahir Salomão Bruck, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Neyla Pardo, Universidad Nacional de Colombia, Colombia

Nísia Martins Rosario, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Olga Guedes Bailey, Nottingham Trent University, Inglaterra

Paolo Demuru, Universidade Paulista, Brasil

Paolo Peverini, L.O.U.I.S.S de Roma, Itália

Paško Bilić, Institute for Development and International Relations, Croácia

Paula Melani Rocha, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Potiguara Mendes Silveira Jr, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Priscila Ferreira Perazzo, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil

Rafael Cardoso Sampaio, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Rafael Tassi Teixeira, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Regiane Lucas Garcês, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Regiane Regina Ribeiro, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Renata Pitombo Cidreira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Renato Essfelder, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Roberto Elísio dos Santos, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil

Robson Borges Dias, Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasil

Rodolfo Rorato Londero, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Rosario Sánchez Vilela, Universidad Católica del Uruguay, Uruguai

Roseli Figaro, Universidade de São Paulo, Brasil

Saima Saeed, Jamia Millia Islamia, Índia

Sara Brandelero, Leyden University, Holanda

Simone Maria Andrade Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Sônia Caldas Pessoa, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Sun Sun Lim, Singapore University of Technology and Design, Singapura

Tatiana Oliveira Siciliano, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Thais de Mendonça Jorge, Universidade de Brasília, Brasil

Valquiria Michela John, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Vicki Mayer, Tulane University, Estados Unidos

Yamile Haber Guerra, Universidad de Oriente, Cuba

CONSELHO CIENTÍFICO

Cristiane Freitas Gutfreind, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil | **Eduardo Antônio de Jesus**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil | **Eduardo Morettin**, Universidade de São Paulo, Brasil | **Irene de Araújo Machado**, Universidade de São Paulo, Brasil | **Miriam de Souza Rossini**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Igor Pinto Sacramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil | **Kelly Cristina de Souza Prudencio**, Universidade Federal do Paraná, Brasil | **Osmar Gonçalves dos Reis Filho**, Universidade Federal do Ceará, Brasil | **Rafael Grohmann**, Faculdade Cásper Líbero, Brasil | **Thaiane Moreira de Oliveira**, Universidade Federal Fluminense, Brasil (editores associados)

CONSULTORES AD HOC

Alessandro Constantino Gamo, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) | **Amanda Mauricio Pereira Leite**, Universidade Federal do Tocantins (UFT) | **Amílcar Almeida Bezerra**, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | **Ana Carolina Damboriarena Escosteguy**, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | **Ana Luiza Coiro Moraes**, Faculdade Cásper Líbero | **Antonio Pacca Fatorelli**, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | **Ariane Diniz Holzbach**, Universidade Federal Fluminense (UFF) | **Benjamin Picado**, Universidade Federal Fluminense (UFF) | **César Augusto Baio dos Santos**, Universidade Federal do Ceará (UFC) | **César Geraldo Guimarães**, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | **César Ricardo Siqueira Bolaño**, Universidade de Brasília (UNB) | **Ciro Marcondes Filho**, Universidade de São Paulo (USP) | **Felipe Simão Pontes**, Universidade Estadual de Ponta Grossa | **Felipe Trotta**, Universidade Federal Fluminense (UFF) | **Gislene da Silva**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | **Kati Caetano**, Universidade Tuiuti do Paraná | **Laan Mendes de Barros**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | **Lucia Leão**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) | **Jairo Getulio Ferreira**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) | **Juliana Doretto**, FIAM-FAAM | **Juliano Maurício de Carvalho**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | **Lilian Cristina Monteiro França**, Universidade Federal de Sergipe | **Liziane Soares Guazina**, Universidade de Brasília (UNB) | **Luís Mauro Sá Martino**, Faculdade Cásper Líbero | **Luiz Peres Neto**, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) | **Herom Vargas**, Universidade Metodista de São Paulo | **Inês Sílvia Vitorino Sampaio**, Universidade Federal do Ceará (UFC) | **Maria Helena Weber**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG) | **Mariana Baltar**, Universidade Federal Fluminense (UFF) | **Maurício de Bragança**, Universidade Federal Fluminense (UFF) | **Mauro de Souza Ventura**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | **Muniz Sodre de Araujo Cabral**, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | **Nuno Manna**, Universidade Federal da Bahia (UFBA) | **Rosana de Lima Soares**, Universidade de São Paulo (USP) | **Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG) | **Sérgio Luiz Gadini**, Universidade Estadual de Ponta Grossa | **Talitha Gomes Ferraz**, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) | **Victa de Carvalho Pereira da Silva**, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

EQUIPE TÉCNICA

ASSISTENTES EDITORIAL **Melina Santos** | REVISÃO DE TEXTOS **Fátima Áli** | EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **Roka Estúdio**

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Marco Roxo

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFF

marcos-roxo@uol.com.br

Vice-Presidente

Isaltina Gomes

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFPE

isaltina@gmail.com

Secretária-Geral

Gisela Castro

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – ESPM

castro.gisela@gmail.com

CONTATO | revistaecompos@gmail.com